

Num.
26
Anno I

A MAÇA

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

5
de Agosto
1922



A PESCA DA MAÇA

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras

Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

Catador "Progredior"

Temos o catador "PRO-
GREDIOR", combinado
com esbrugador, machina
de grande vantagem para
o perfeito beneficio do café.
Temos tambem o sepa-
rador "SINGELO".

Peçam catalogo illus-
trado a

Martins Barros & Cia. Ltda.

End. Teleg.: "PROGREDIOR"

CAIXA, 6

S. PAULO

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de
todas as enfermidades provenientes das
impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O
PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS

Unico especifico adop-
tado nos hospitaes do
Exercito e da Marinha
depois de OFFICIALMEN-
TE, estudado e experi-
mentado, ficando pro-
vado o seu incomparavel

::: valor :::

Unico receitado pelos
especialistas para o tra-
tamento e diagnostico
da syphilis, por ser de
effeito muito rapido e
absolutamente inoffen-
sivo a qualquer orga-

::: nismo :::



Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez
de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não de-
verá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que
soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.

Deposítarios: **PLINIO CAVALCANTI & C.^{ia}**



**REGULADOR
FONTOURA**

O GRANDE
REMÉDIO
DAS SENHORAS

TONICO RESTAURADOR
UTERINO

CURA DOENÇAS DO
UTERO

REGULARISA A
MENSTRUACÃO

CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMINOS

Rua Senador Dantas, 45 - RIO DE JANEIRO



Formula de Cléo de Merode, a artista que dominou Paris pela sua rara beleza. À venda em todas as boas perfumarias e farmacias. Depositarios: Domingues & C. — Avenida, 149 (2.º andar).

COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal, às 2 ½ e aos sabbados às 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, Sabbado, 5 de Agosto, Às 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

200:000\$0000

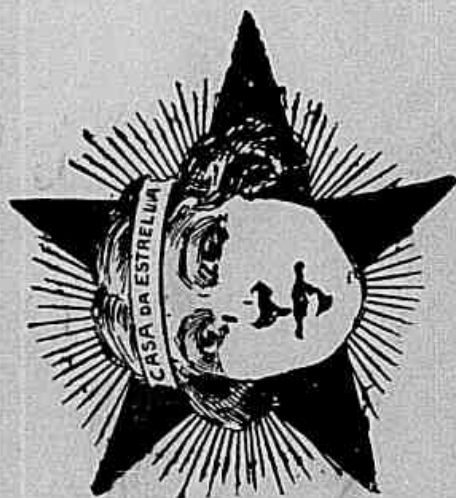
INTEIROS, 44\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

PARA O INVERNO
V. Ex. encontra na CASA ESTRELLA

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã, sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO
RUA DO OUVIDOR N. 134

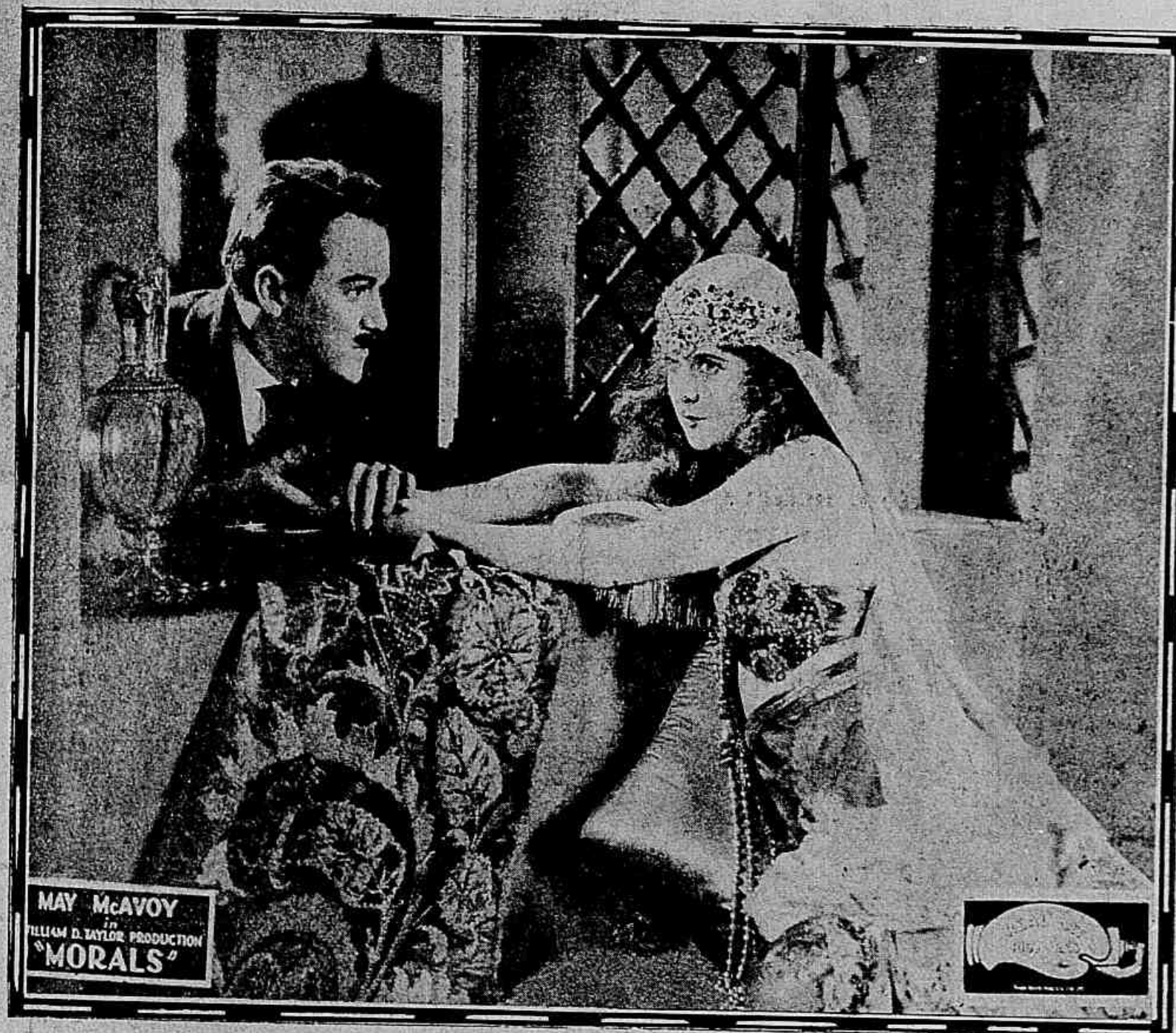


GRIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL

QUEM COMPREHENDE A MULHER?

...Pergunta irrespondida de poetas e philosophos.

...Pergunta de todo desilludido após uma "taboa" de mulher...



MAY McAVOY
in
WILLIAM D. TAYLOR PRODUCTION
"MORALS"

...Pergunta que todos farão quarta-feira 9 do corrente ao verem a linda e maravilhosa

MARY MAC AVOY

e a elegantissima **KATHLYN WILLIAMS** no magnifico e luxuoso film

QUEM COMPREHENDE A MULHER?

no elegante e tradicional

De QUARTA-FEIRA A
DOMINGO

PARISIENSE

A acção deste film se desenrola nos harens de um Sultão e na alta sociedade aristocratica de Londres.

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. ————— Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.

OLHOS

Inflamações e purgações
USE O
“COLLYRIO MOURA BRAZIL”

PARA O BANHO O SABÃO
THYMO BORICO
CONTRA: BROTOEJAS-ASSADURAS-PRURIDOS



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O TRABALHO DO MEDICO

Nada entristecia tanto o commendador Venancio Saboya como aquella situação da mulher. Casados ha nove annos, estando ella apenas com trinta e elle com pouco mais de cincoenta e um, era inexplicavel que fôsem, os dois, penetrando pela velhice, deixando sem dono aquella fortuna tão penosamente accumulada.

— Como seria bom, se nós tivéssemos um filhinho! — suspirava, ás vezes, o commendador, balançando a cabeça forte, no seu terraço da Avenida Atlântica, olhando o vae-vem interminavel das ondas. — Agora, estariamos aqui, um ao lado do outro, vendo-o brincar na areia, alli, com a creada, em companhia dos outros meninos!...

Quieta, a mão no queixo, olhos pregados na curva do horizonte distante, Dona Therezinha não dizia nada. E o esposo insistia:

— A culpa, emfim, não é minha. Tenho feito tudo que me aconselham: já fui a Lourdes; já consultei os especialistas; já paguei as promessas que fizeste; já passamos dois annos em Caldas, e estamos na mesma.

E concluia, desolado:

— Eu me vou d'esta vida, e o menino não vem!

Foi por esse tempo que se começou a falar, nas rodas elegantes nos successos do dr. Ferreira de Moura, que acabava de aperfeiçar os seus conhecimentos scientificos na Europa. Condecorado pelo governo francez, por haver dado a um casal, em Paris, uma geração de quatro creanças, o jovem medico brasileiro vinha com uma fama verdadeiramente impressio-

nante. Senhoras esteris ha muitos annos, haviam voltado á fecundidade, enriquecendo os lares, alegrando os maridos, e assegurando, de modo lisonjeiro, a periclante perpetuidade da raça.

Em conversa, uma vez, em casa dos Costa Gadelha, Dona Therezinha tivera noticias do novo gynecologista. E taes cousas lhe haviam dito, que a boa senhora lembrou ao marido:

— E se nós consultassemos esse medico, Venancio? Eu tenho ouvido dizer tantas cousas d'elle...

— Qual! Eu já estou descrente.

— Mas, experimentemos. Não

Indiscreção de marido



— Estás te enfeitando muito... O Luiz vem hoje aqui?

GRITO DE ALARMA

Inquestionavelmente todos os males que affligem a humanidade derivam do alcoolismo e da syphilis — Todos somos mais ou menos syphiliticos, ou por havel-o herdado em primeira ou segunda geração, ou por havel-a contrahido directamente, e o contagio, está hoje provado, é facilimo. Segundo Fournier 95 | da humanidade tem syphilis.

QUANDO TIVERDES:

Rhumatismo, dores nos ossos e nos musculos

UMA FERIDA que não cede á medicação; quando pelo vosso corpo irromperem MANCHAS, PLACAS, ECZEMAS, etc.; quando fordes atacados pelas CEPHALGIAS que se repitam cada dia, e si essas DORES DE CABEÇA apparecem durante a noite; quando sem causa justificavel, algum dos membros do vosso corpo — PÉS, TORNOZELLOS, MÃOS, BRAÇOS, DEDOS, appareçam ou permaneçam INCHADOS; quando o vosso RIM, o FIGADO, o ESTOMAGO apresentarem lesões que um diagnostico seguro não justifique; quando vossos SYSTEMAS NERVOSO e ARTERIAL estiverem combalidos por desordens; quando ainda os vossos LARINGE, BOCCA, OUVIDOS, OLHOS, se resentirem de inflammações ou purgoções; quando a vossa TRACHEA e os vossos PULMÕES accusarem irritações repetidas seguidos de TOSSES e BRONCHITES que medicação adequada não consiga debellar.

LEMBRAE-VOS DA

SYPHILIS

Esse monstro que devora annualmente MILHARES DE VIDAS. E ao mesmo tempo não esqueçaes que o

POLLANG

É o mais poderoso depurativo do sangue.



O orgulhoso

HISTORIA ANTIGA

A grande nave da Senhora da Gloria despovoava-se pouco a pouco, após a missa commum dos dias uteis, quando, terminada a cofissão de uma senhora humilde e virtuosa padre Bartholomeu viu caminhar em direção ao confessorio, cabeça alta, passo vagaroso, gestos pausados, aquelle cavalheiro moreno, estatura mediana, bigode aparado, que conhecia de vista e com quem se encontrava constantemente no bonde.

A presença d'aquelle individuo, alli, era, realmente, para causar estranheza. Ninguém o vira, jamais, frequentando as portas de um templo; e, na rua, taes eram os seus modos, o seu semblante, a sua arrogancia, que se tinha impetos de cahir-lhe em cima e acabar-lhe, a murros, com aquella irritante circumspecção.

— Eu só queria ser na minha vida o que aquelle sujeito pensa que é! — dizia, ás vezes, de si, consigo, padre Bartholomeu.

E outros, ao vel-o:

— Este cavalheiro, com certeza, têm o rei na barriga!

Ao encontrá-lo em qualquer parte, a lembrança que vinha era, logo, a daquelle Carlos Maria, de Machado de Assis, o qual, dizia este, se amanhecesse, um dia, feito imperador, só se admiraria de uma coisa: a demora do ministerio em ir cumprimental-o.

Solemne, grave, pautado, o individuo chegou diante do confessorio, tirou o lenço, vasculhou com elle a poeira do degrão em que ia ajoelhar-se, fez o signal da Cruz, e, balbuciadas em voz baixa, as orações regulamentares, esperou, duro como uma pedra, a interpeção do sacerdote.

— Qual é o peccado de que se accusa, filho? — indagou o confessor.

— Eu, reverendo? — começou o sujeitoinho, com ares de quem faz uma conferencia literaria em voz soturna. — Eu sou orgulhoso; excessivamente orgulhoso!

Aquella primeira accusação desconcertou padre Bartholomeu. Ou aquelle individuo era idiota, ou tinha ido alli com o proposito de menosprezar um dos sacramentos da Igreja. Convinha, pois, tratá-lo como merecia, e foi o que fez.

— Você, com certeza, filho, — continuou o vigário, dando a maior doçura ás palavras; — você, com certeza, descende de alguma familia nobre, de alta linhagem, cujos antepassados deixaram grande nome na Historia... Não?

— Não, senhor, reverendo, — contestou o crente; — não senhor. Eu sou até de origem muito modesta, muito humilde, muito simples. Meu pae era guarda-livros e minha mãe, antes de casar-se, era costureira.

— Bom! bom! — confirmou padre Bartholomeu. — Mas, com certeza, é rico, vive na fartura, gozando as vantagens de uma situação invejavel, conquistada com o proprio esforço, com a propria energia, com a propria capacidade.

— Tambem, não, padre. Eu sou pobre e vivo, mesmo, com dificuldade. Sou funcionario publico de segunda cathogoria, ganho pouco e passo, na minha vida, profundas necessidades.

O confessor ficou em silencio um instante, e tornou:

— Então, você é, de certo, um homem de talento, provavelmente um jornalista, um poeta, um romancista, com a consciencia do proprio valor. Já escreveu, sem duvida, bellos versos, bellos contos, bellos artigos, famosas paginas da nossa literatura... Não é assim?

Ajoelhado, teso, como uma figura de bronze, o catholico informou:

— Não, senhor; nunca escrevi nada. Confesso, mesmo, que, não só não escrevo, nunca escrevi, como sinto certa dificuldade em comprehender o que leio. Para mim é uma tortura, um tormento, digerir uma pagina de livro ou alguma chronica de jornal. Por isso mesmo, leio raramente.

Padre Bartholomeu sorriu, piedoso, por traz do crivo do confessorio, com pena d'aquella pobre alma. Passado um instante, sentenciou:

— Então, filho, póde ir. Você não tem peccado nenhum. Você não é orgulhoso, não.

E levantando-se, para retirar-se:

— Você é... é bêsta!... Vá!...

Frei Romuaido

A MULHER "FORTE"



Quando o coronel Praxedes Gama teve noticia de que a filha havia abandonado o marido para ir viver com um capitalista, ficou furioso. Era o primeiro punhado de lama que tombava sobre a familia.

— Vou ao Rio, e mato-a! — exclamava o honrado fazendeiro, a andar de um lado para outro do alpendre da fazenda, coçando a barba veneravel.

Coração de mãe, dona Miquelina tranquillizava-o. Quem sabia se aquillo não seria a felicidade da menina? Tapassem, os dois, os ouvidos, e dessem tempo ao tempo. E o tempo foi, realmente, generoso, porque, ao visitar a filha, mezes depois, e ao ser apresentado ao novo genro, o coronel ficou tão satisfeito com o luxo, a belleza, o bem-

estar da sua Luizinha, que não lhe tceou, sequer, naquella mudança de estado,

Mezes passados, voltou, e encontrou, já, outro genro.

— Meu marido, — apresentou a moça.

E para o novo esposo, indicando o ancião:

— Meu paé.

Essa nova modificação na vida da filha feriu fundo o coração do velho, o qual, ao tel-a só, inqueriu, severo;

— Que é isso, então? Que vida é esta, que levas?

Tu não eras, então, uma mulher forte?

— Sou, papae; sou forte! — confirmou a moça.

E abraçando o velho, garôta:

— Papae já viu «forte» que não mude de guarnição?

Tenente Matheus

custa nada...

Ferreira de Moura, apesar da sua fama, era moço ainda. Orçava pelos trinta e tantos annos, e apresentava um desses physicos insinuantes que são, nas molestias de senhoras, metade da cura. Alto, forte, moreno, ros o escanhado, possuia uma linda bocca, servida de

dentes fortes, e uns grandes olhos verdes, em que se escondiam, em commum, a virtude e o peccado. Parecia mais uma creança grande do que, em verdade, um grande homem de sciencia. Assim, porém, que principiava a discorrer com o cliente, via-se, logo, que alli estava uma gloria da medicina universal. Ninguém conhecia tantos termos technicos nem se referia ás molestias mais simples em vocabulos tão complicados.

— E' assombroso o homensinho! — concordou o commendador, ao tomar o automovel á porta do consultorio. — Si tudo aquillo é verdade, parece que nós vamos realizar, mesmo, o nosso grande sonho de tantos annos!

O tratamento imposto por Ferreira de Moura devia ser demorado: duas vezes por semana, no minimo. Interessado, o commendador acompanhava sempre a esposa. Depois, passou ella a ir sosinha. E ao terceiro mez, o fuuro herdeiro de Venancio Saboya se fazia annunciar por vertigens, vo-

mitos e cores de dentes que atormentavam e encantavam ao mesmo tempo, a virtuosa e distincta senhora.

Onze mezes após o tratamento, veio ao mundo o Venancinho. Era uma belleza de creança: forte, morena, olhos vivos, um encanto.

— Como eu me sinto feliz! — gemia o commendador, a andar de um lado para o outro, os olhos cheios d'agua.

Ao fim de oito dias, cahido o umbigo do pequenito, o capitalista chegou-se para a mulher, que amamentava o pirralho, e poz-se a conversar, terno, doce, amoroso, enquanto lhe passava a mão grosseira pelos cabellos finos, ainda desalinhados.

— Nós acabamos de contrahir uma divida enorme com esse medico, minha filha. — começou — Eu não sei, mesmo, como lhe hei de pagar...

Quedou pensativo um instante, e tornou:

— Porque, enfim, esse filho, nós o devemos a elle!

— E' verdade Venancio! — concordou a moça, baixando a cabeça, muito vermelha. — E' a elle que tu o deves...

E era mesmo.

X. X.



FIGURAS NACIONAES



MAURICIO DE LACERDA



MAURICIO DE LACERDA

Quando o eminente Coelho Neto esteve em Vassouras, onde fora estudar, para um romance sobre a vida dos escravos, as antigas fazendas fluminenses, um preto velho alludiu, alli, numa recapitulação de factos, a um phenomeno que alarmara, ha trinta e oito annos, to-

ma a região: uma creança que nascera fallando, tivera dentes com quinze dias e principiara a andar com dois mezes e meio.

— Foi alli, nhônhô; foi alli que zêre nasceu, — disse.

E apontou, respeitoso, a casa de fazenda do actual ministro do Supremo Tribunal, dr. Sebastião de Lacerda, cujo filho tomara o nome de Mauricio e tivera, mais tarde, tão accentuado destaque na politica nacional.

Aos quatro annos, o menino era o terror das pretinhas, crias da fazenda. Escanchado em um cabo de vassoura, passava o dia a correr pelo avarandado ou pelo quintal, mettendo susto ás rapariguinhas, espantando os cachorros ou vaquejando as gallinhas, os patos, os perus, a bicharada de penna, emfim, da grande propriedade. De manhã e á tarde, tocava-se para o curral das vaccas. E mais de uma vez o pae o surpreendeu, ajoelhadinho na terra, mamando, de olhinhos fechados, no ubere farto das grandes taurinas que, suppondo-o um bezerrinho, se ficavam quietas, lambendo-lhe pausadamente a costinha morena.

— Que é isso, nhônhô! — gritava o preto Simão, que tomava conta do gado. — Vassuncê tá se acostumando má... Nun faça isso, minino!

Aos dez annos, proclamada já a Republica, foi o pequeno trazido para Nictheroy. Privado, pela libertação dos escravos, das pretinhas que lhe davam banho junto do poço, restavam-lhe as vaccas de lingua cariciosa. E era dessas que o afastavam para sempre, trazendo-o para a capital fluminense e, depois, para o Rio, onde se fixou, com a familia do pae, desde 1896.

Matriculado em varios collegios de renome, dos quaes sahia, meses depois, por indisciplina, Mauricio de Lacerda espantava os companheiros pela vivacidade da intelligencia. Foi assim que chegou á Faculdade de Direito, fez um curso brilhantissimo, sahindo, depois, pela outra porta, para ser official de gabinete do Presidente Hermes da Fonseca, em 1910.

Espirito combativo, o menino de Vassouras havia tomado parte saliente nos «meetings» do Rio, na campanha civilista. Partidario da candidatura militar, esmurrava o espaço, dez vezes por dias, atirando epithetos flammejantes contra o adversario. Atraz d'elle, arantindo-lhe a retirada, luziam o tenente Pulcherio, Raphael Pinheiro, Filinto Sampaio, a mocidade ardorosa d'aquelle tempo. Trocavam-se tiros; choviam pedras; trovejava o cacete. E tudo terminava por uma carga de Cavallaria, que varria da Avenida,

como uma vassoura, aquella onda de entusiasmo juvenil.

Triumphante o Marechal, convidou-o para o seu gabinete. Colocado á porta, era mais um guarda, uma sentinella, do que, propriamente, um secretario.

— O menino está aqui, á porta, para os inimigos não entrem? — indagou, uma vez, o deputado Alvaro de Carvalho.

E Mauricio, arrependido, já, da alhada em que se mettera:

— Não, senhor; é para as asneiras não sahirem...

Dois annos depois, com a renovação do Congresso, foi eleito deputado pelo situacionismo fluminense. Foi o periodo aureo da sua vida. Insubmisso e vigoroso, viu, logo, que não tinha geito para governista: rompeu com o Marechal, e combateu-o. Reeleito, combateu o presidente Wenceslau, atacando a torto e a direito. A sua palavra estava sempre ao serviço de uma causa perdida. E se as causas perdidas não triumphavam, a culpa era menos delle e do seu interesse, do que dos fundamentos em que repousavam.

Orador parlamentar Mauricio de Lacerda marcou uma epoca na Camara dos Deputados. De pé, no meio do recinto, pedia a palavra. A principio, as frases vinham serenas, uma a uma, como quem dita uma carta. De repente, animava-se. As imagens borbotavam, rapidas, originaes, tumultuosas. Agitado, não tinha socego. Esmurrava a tribuna improvisada. Mão estendida, sacudia pedras imaginarias contra a mesa da presidencia. E em pouco, gesticulando, bradando, esmurrando, dando cocorótes na taboa da mesa, lembrava, todo elle, uma ave apanhada de novo, e que se debatesse, furiosa, contra as grades da sua gaiola de ferro.

Foi nesses momentos de exaltação que lhe sahiram da bocca certas imagens e expressões immortaes.

— A Politica fluminense, — exclamou elle, uma vez, — é como as barcas da Cantareira: atraca pelos dois lados!

De outra feita, bradou:

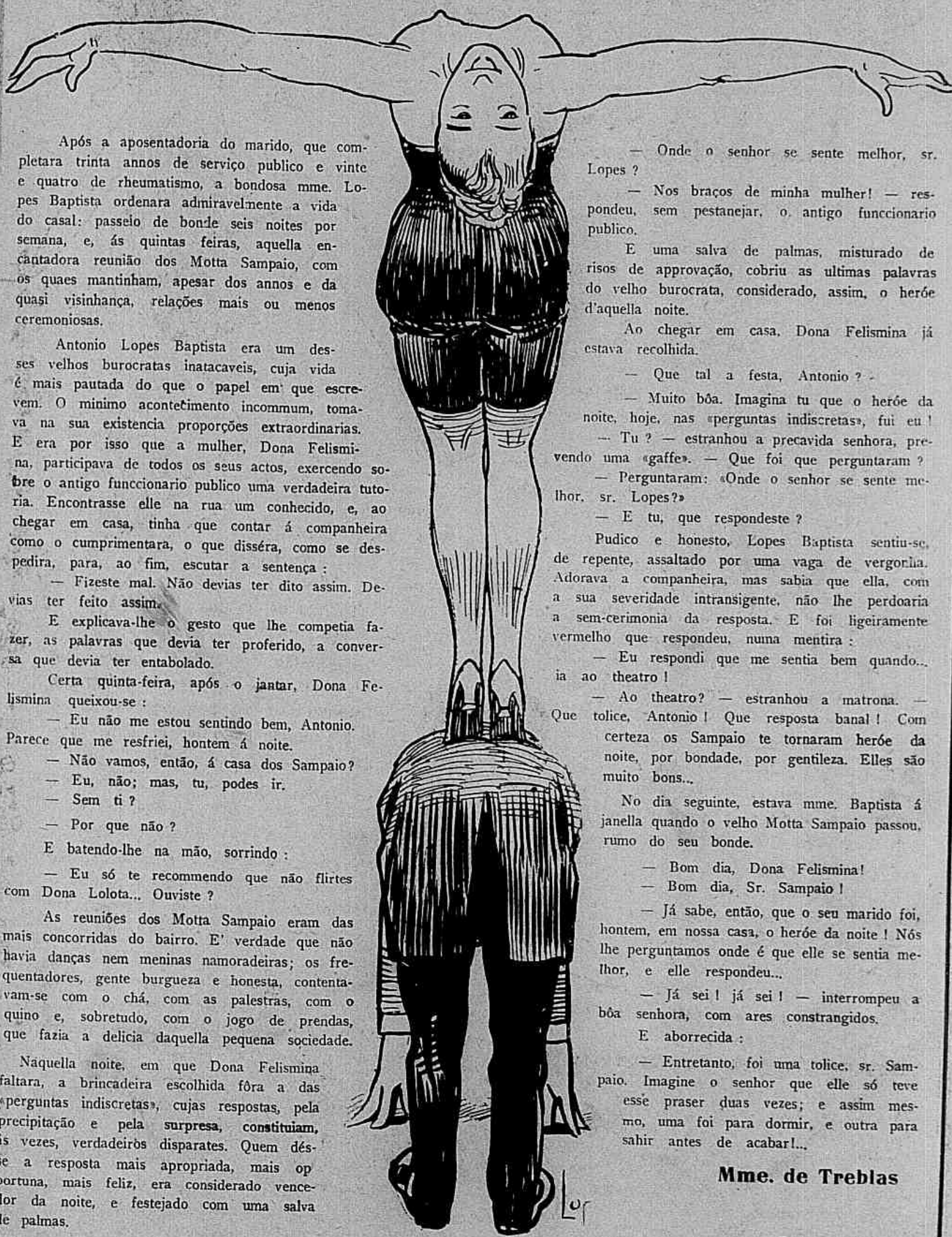
— Senhores, nós estamos em uma epoca de «avacalhamento» geral!

A expressão cahiu na rua como carôço de pimenta no rego do banheiro: pegou, nasceu, multiplicou-se. O paiz inteiro repetiu o vocabulo. A Academia de Letras, fazendo o seu Diccionario, registrou-o como um dos nossos legitimos brasileirismos. E do Amazonas ao Prata não se usou, mais, de outro termo, para definir o abastardamento nacional.

Combatido no seio do seu proprio partido, foi Mauricio aliado da Camara. Desilludido, deixou a politica partidaria e penetrou, fundo, na advocacia. Esta não é, porém, profissão que dê vasão ao seu ardor, ao fogo da sua alma. Com medo de es-tourar, procurou uma derivante. Fez-se mundano, sybarita, gosador. Bonito e jovem, é adorado pelas mulheres, que vêm sempre na sua calva precoce a corôa de louros do antigo batalhador. Mestre no galanteio, a sua



A pergunta indiscreta



Após a aposentadoria do marido, que completara trinta annos de serviço publico e vinte e quatro de rheumatismo, a bondosa mme. Lopes Baptista ordenara admiravelmente a vida do casal: passeio de bonde seis noites por semana, e, ás quintas feiras, aquella encantadora reunião dos Motta Sampaio, com os quaes mantinham, apesar dos annos e da quasi visinhança, relações mais ou menos ceremoniosas.

Antonio Lopes Baptista era um desses velhos burocratas inatacaveis, cuja vida é mais pautada do que o papel em que escrevem. O minimo acontecimento incommum, tomava na sua existencia proporções extraordinarias. E era por isso que a mulher, Dona Felismina, participava de todos os seus actos, exercendo sobre o antigo funcionario publico uma verdadeira tutoria. Encontrasse elle na rua um conhecido, e, ao chegar em casa, tinha que contar á companheira como o cumprimentara, o que disséra, como se despedira, para, ao fim, escutar a sentença:

— Fizeste mal. Não devias ter dito assim. Devias ter feito assim.

E explicava-lhe o gesto que lhe competia fazer, as palavras que devia ter proferido, a conversa que devia ter entabulado.

Certa quinta-feira, após o jantar, Dona Felismina queixou-se:

— Eu não me estou sentindo bem, Antonio.

Parece que me resfriei, hontem á noite.

— Não vamos, então, á casa dos Sampaio?

— Eu, não; mas, tu, podes ir.

— Sem ti?

— Por que não?

E batendo-lhe na mão, sorrindo:

— Eu só te recommendo que não flirtes com Dona Lolota... Ouviste?

As reuniões dos Motta Sampaio eram das mais concorridas do bairro. E' verdade que não havia danças nem meninas namoradeiras; os frequentadores, gente burgueza e honesta, contentavam-se com o chá, com as palestras, com o quino e, sobretudo, com o jogo de prendas, que fazia a delicia daquella pequena sociedade.

Naquella noite, em que Dona Felismina faltara, a brincadeira escolhida fôra a das «perguntas indiscretas», cujas respostas, pela precipitação e pela surpresa, constituíam, ás vezes, verdadeiros disparates. Quem des-se a resposta mais apropriada, mais oportuna, mais feliz, era considerado vencedor da noite, e festejado com uma salva de palmas.

Feita a roda de convidados, na qual fôra dado a Lopes Baptista o logar de costume, começaram as perguntas, de sopetão:

— Onde estava hontem á noite? — indagava um.

Pergunta d'aqui, responde d'alli, chegou a vez do marido de Dona Felismina:

— Onde o senhor se sente melhor, sr. Lopes?

— Nos braços de minha mulher! — respondeu, sem pestanejar, o antigo funcionario publico.

E uma salva de palmas, misturado de risos de approvação, cobriu as ultimas palavras do velho burocrata, considerado, assim, o heróe d'aquella noite.

Ao chegar em casa, Dona Felismina já estava recolhida.

— Que tal a festa, Antonio?

— Muito boa. Imagina tu que o heróe da noite, hoje, nas «perguntas indiscretas», fui eu!

— Tu? — estranhou a precavida senhora, prevendo uma «gaffe». — Que foi que perguntaram?

— Perguntaram: «Onde o senhor se sente melhor, sr. Lopes?»

— E tu, que respondeste?

Pudico e honesto, Lopes Baptista sentiu-se, de repente, assaltado por uma vaga de vergorlia. Adorava a companheira, mas sabia que ella, com a sua severidade intransigente, não lhe perdoaria a sem-cerimonia da resposta. E foi ligeiramente vermelho que respondeu, numa mentira:

— Eu respondi que me sentia bem quando... ia ao theatro!

— Ao theatro? — estranhou a matrona. — Que tolice, Antonio! Que resposta banal! Com certeza os Sampaio te tornaram heróe da noite, por bondade, por gentileza. Elles são muito bons...

No dia seguinte, estava mme. Baptista á janella quando o velho Motta Sampaio passou, rumo do seu bonde.

— Bom dia, Dona Felismina!

— Bom dia, Sr. Sampaio!

— Já sabe, então, que o seu marido foi, hontem, em nossa casa, o heróe da noite! Nós lhe perguntamos onde é que elle se sentia melhor, e elle respondeu...

— Já sei! já sei! — interrompeu a boa senhora, com ares constrangidos.

E aborrecida:

— Entretanto, foi uma tolice, sr. Sampaio. Imagine o senhor que elle só teve esse praser duas vezes; e assim mesmo, uma foi para dormir, e outra para sahir antes de acabar!...

Mme. de Treblas



ANTHOLOGIA GALANTE

O PASSEIO

(PAG. DA ASSUMPÇÃO.)

Afinal a aspereza das pedras da pavimentação se alizou no lençol de asfalto de uma praça, e o «coupé» derivou por uma das alas de palmeiras, cujas copas unidas ondulavam preguiçosamente como um dorso erriçado de uma serpe colossal.

Agora rodavam longe dos vehiculos, afastados da casaria, livres da curiosidade irritante.

Só então elle se voltou para Martha, que o esperava de olhar triste, sem comprehender aquelle temor, aquelle receio, aquelle afastamento.

Só então elle viu que lhe não fizera um unico afago... E beijou-lhe as mãos sobre as unhas de nácar, sobre as phalanges côr de lua, sobre o dorso avelludado e branco, sobre as palmas róseas... E beijou-lhe mais os pulsos finos, estriados de azul... arrastou os labios, arrastou-os vagorosamente, ante-braço acima, até o valle rosicler do braço... E, como a sua boca não pudesse ir além, impedida pela manga apertada do costume, estirou dois dedos pela abertura exigua do punho, para sentir essa carne perturbadora mais acima, num ponto ainda não attingido...

Ella derreou a cabeça sobre a almofada, ao peso dos desejos, numa lassitude de embriaguez, num relaxamento morbido de todas as energias, e, nesta posição, exhibia a curva de marfim do pescoço, que era como um gargalo de amphora etrusca.

voz é um vinho de que as orelhinhas pintadas de vermelho são, nas salas amigas, a taça maravilhosa. Encantador por indole, fez em Paris, recentemente, um curso de aperfeiçoamento. E de tal forma progrediu, subiu, desdobrou-se na arte de prender as mulheres, que não seria conhecido, hoje, em Vassouras, mesmo por aquellas vacas que o acariciavam com a lingua maternal, quando elle lhes ia roubar, á tarde, o leite dos bezerros recém-nascidos...

A caricatura nacional pinta sempre Mauricio de Lacerda com um facho na mão, vendo nelle, ainda agora, o antigo incendiario A flamma que elle agora carrega não tem, porém, mais, a mesma utilidade: em vez de ameaçar os homens, as instituições, a politica, serve, apenas, para lançar um incendio, e dos mais doces, no desprecauido coração das mulheres...

Rodin

Sylvio falava-lhe á concha da orelha, tão perto, que a tepidez do seu halito e o sopro do respiro, batendo-lhe na epiderme da nuca, eram como

a sugestão de repetidos beijos, que augmentava o torpor que a invadia, pesando-lhe nas palpebras semi-cerradas, opprimindo-lhe o peito offegante, tornando-a insciente.

E, ao vê-la assim, tão mulher, tão fragil e sem defesa, elle se admirava de vêr essa prodigiosa intelligencia apagar-se deante da sua força, das suas insidias de vampiro e por entre relampagos de desejo brilhavam-lhe caprichos estranhos de curiosidade infantil,

Então enquanto falava qualquer coisa de muito perturbante e venenoso, para conserval-a nesse estado hypnagogico de vigilia, observava-lhe as circumvoluções frontaes, com impetos de lhe serrar uma calote do craneo, para lhe estudar anatomicamente o cerebro.

Muita vez a admiração que ella lhe causava, era maior do que a volupia de estreital-a. Nesse instante, porém, viu que ella preferia a caricia ao louvor; e deu-lhe epithetos desvairados, chamou-lhe «fome das suas boras», pediu-lhe perdão por tudo quanto a tinha feito soffrer, e por tudo quanto a faria soffrer ainda...

Goulart de Andrade



O HUMORISMO NOS ESTADOS (SÃO PAULO)

AI! SENHOR VIGILANTE!

Quando o Heraclito Carrapatoso recebeu a noticia de que ia ser iniciado na Maçonaria, ficou muitissimo contente, pois iria assim realizar um dos seus mais ardentes sonhos: pertencer a uma «loja» e tirar o retrato, tendo ao pescoço a fita symbolica.

A principio, o Heraclito chegou a desanimar, pois todas as vezes que fallava a um amigo, pedindo-lhe que o propuzesse para a maçonaria, recebia logo uma negativa.

Afinal, sempre encontrou o Heraclito um amigo, influente maçom, que se prestou a auxiliá-lo, a satisfazer o seu desejo.

No dia marcado para a iniciação do novo maçom, o vendeiro preparou-se, logo cedo e entrou a tratar os caixeiros com tal severidade, com tanta altivez, que os rapazes chegaram a pensar que elle tivesse perdido o juizo.

A' noite, Heraclito Carrapatoso dirigiu-se á loja maçônica, afim de ser iniciado e submetido ás provas do costume.

Um dos maçons, encarregado de recebê-lo e de o conduzir á «officina», amarrrou-lhe um lenço na testa, cobrindo-lhe os olhos e lá se foi o honrado commerciante, levado pela mão,

como um ceguinho, até á presença do Veneravel.

Heraclito resistiu, heroica e stoicamente, ás provas da agua e do fogo e, com tamanha calma, que chegou a causar admiração entre os presentes.

Afinal, concluida a cerimonia, o Veneravel, chamando o primeiro Vigilante, recommendou-lhe:

— Irmão Vigilante, agora, faça o favor de tirar a venda ao iniciado.

Aquellas palavras cahiram nas «ouças» do Heraclito como se fossem brazas.

O infeliz negociante sentiu correr-lhe pela espinha um frio intenso e poz-se a tremer.

O Vigilante era, porém, surdo de maneira que o Veneravel teve que repetir a ordem:

— Vamos, Irmão Vigilante, tenha a bondade de tirar a venda ao iniciado!

Heraclito, num pulo, poz-se em pé, disposto a sacrificar propria vida e, com um safanão, repelliu o Vigilante, que se approximava para cumprir a ordem, exclamando:

— Ai, Senhor Vigilante! Vossencia pode fazer de mim o que quizer, mas, pelo amor de Deus, meu senhor, não me tire a venda, não me desgrace, deixando-me sem o meu rico estabelecimento de seccos e molhados, que é o mais afreguezado do nosso bairro...

Euclýdes Andrade



BENS DE RAIZ



- Segura-te na raiz, e desce, meu bem !
- Eu ? Você pensa que eu sou um « bem » de raiz ?

PÉS... DE ANJO



Romero
JUNQUEIRA (Do Flamengo)

(Leia a pagina seguinte)



AVICULTURA



A «pensão» de mme. Adéle, no Cattete, tornara-se famosa pela importação, em pequenas partidas, de pen-

sionistas chics, e de preço. Era lá que os congressistas novos entravam em contacto com a alta civilização da metropole, e onde submergiam fortunas volumosas, de fazendeiros de São Paulo, de boiadeiros de Minas, e de pesados coroneis da vasta burguezia carioca.

A tarde, das tres ás seis, sahia Adéle com o seu producto mais escolhido, a tomar o seu sorvete na Colombo, e o seu chá, no Alvear. A sua presença, aqui ou alli, era saudada, sempre, por um sorriso significativo, que a megera correspondia com uma piscadella de olho, indicando a companheira de ocasião. E tal era o seu successo diario, que levava, sempre, para o jantar na pensão dois ou tres cavalheiros endinheirados, colhidos habilmente na pescaria.

Entre os nomes apontados no canhenho da velha exploradora, estava, ha mezes, o do deputado Bernardo Braga, que ella sabia uma das fortunas mais solidas do Rio Grande. Por mais de uma vez, no Alvear, ella lhe piscara o olho, indicando-lhe as companheiras de mesa. O velhote fizera-se, porém, desentendido, continuando a tomar o seu gelado, ou a remoer a sua torrada, como se nada houvesse acontecido.

Naquella tarde, entretanto, a situação melhorára. Ao penetrar no salão da ala direita, a megera notara, em uma das mezas encostadas ao espelho, a figura magra, mas de traços fortes, do honrado representante do povo. Saboreava elle, na occasião, um chocolate com brioches, numa gulodice de quem concentra toda a vida nas bochechas. Ao ver a rapariga, e, sobretudo, a francezinha que a acompanhava, virou-se na cadeira, mastigando.

A companheira de mme. Adéle merecia, em verdade, esta attenção curiosa do velho mundano. Era um typo gracioso, chic, tentador, de parisiense. Pelle muito fresca, olhos escuros, brilhantes e brejeiros, labios muito vermelhos, não era alta, nem baixa. O cabello castanho, ondulado e fino, escapava-se-lhe, cuidado, de sob um chapéo pequeno, fantasiado, levemente puxado sobre os olhos. Tinha uns dentes meúinhos, muito alvos, muito eguaes, que a dona fazia questão de mostrar a todo instante, num sorriso estudado.

A «toilette» da rapariga completava essa elegancia das maneiras e da pessoa. O vestido, dentro, era um mimo de costureira; a francezinha preferira, porém, escondel-o avaramente com aquella graciosa capa de velludo cinzento, que lhe dava uns ares de princezinha russa, fu-

gida da patria, precipitadamente, numa noite de revolução.

Bernardo Braga examinava detidamente a presa, mastigando as suas torradas. A rapariga interessava-o. Tinha lindo rosto, linda bocca, bonitas mãos. Para elle, porém, o corpo era tudo. Seria elle, de facto, elegante? Aquella capa não seria um meio de disfarçar qualquer defeito de formas?

Deante d'elle, mme. Adéle piscava o olho, desafiadora. Bastava um gesto seu, e a francezinha estaria nas suas mãos. O velho era, porém, cauteloso. Tomou seu chá, engoliu suas torradas, pigou a despeza, e encaminhou-se para a mesa da megera.

— Oh, coronel, bon soir!

— Bon soir! — correspondeu o devasso, limpando a bocca com as costas das mãos.

Falaram da pequena. Era um encanto, e estava ás suas ordens. Queria?

Bernardo Braga olhou, de perto, a rapariga. Era bonita, disse. Não podia, porém, dar uma resposta decisiva por causa da capa. Tirasse ella a capa e elle, vendo-lhe o corpo mais livremente, daria uma resposta immediata.

— Ah, coronel! — protestou Adéle. — Quanta exigencia! Sim, senhorr!...

E irritada, para acabar com aquillo de uma vez:

— Diga-me uma cousa, coronel.

O velho fitou-a, os olhos piscos.

E ella, as mãos na cintura, duplicando todos os rr:

— Quando o senhorr querr comprarr gallinha, manda primeiro pellarr?

José Fortunato

Um imposto novo

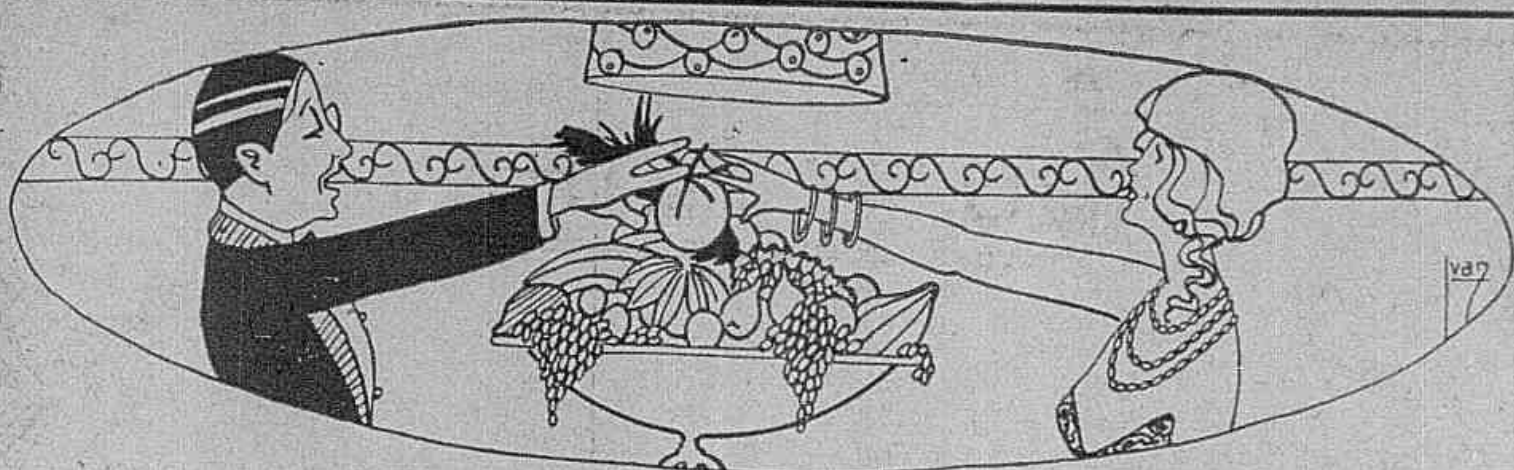
O dr. Nabuco de Gouvêa estava, ha dias, de bisturi na unha para fazer a decima operação de apendicite daquella semana, quando opinou, de repente:

— E' verdade: esta moda de apendicite está se tornando um abuso. E' preciso pôr um paralelô a isto.

— Eu tenho uma idéa! — lembrou o dr. Torreão Roxo, amarrando o avental. — E' crear-se um imposto de cinquenta mil reis sobre cada pessoa que se queixar do apendice!

O dr. Nabuco tomou nota para offerecer emenda, opportunamente, ao orçamento da «Receita», contando obter com ella, ao que perece, uma renda annual de dezoito mil contos.





M. ME FLIRT

Madame Tavares Branco, mais conhecida, nas rodas mundanas, por mme. Flirt, é a expressão mais legitima e pittoresca da faceirice feminina. Estatura mediana, olhos negros e vivos, cabelo escuro e fôfo, bocca um pouco rasgada, mas de bonito corte, é, pôde-se dizer, um bello typo de mulher. Nascida na opulencia, em um lar que era a corte de um rei, e casada com um dos capitalistas mais famosos da cidade, completava a linda senhora os seus dotes naturaes com o recurso precioso das modas, que se tornaram, para ella, uma segunda natureza.

Educada num ambiente de luxo, tornara-se, naturalmente, vaidosa. A idéa de ser chic, louvada, admirada, absorvia-a, dominava-a. Dia em que os jornaes não falassem no seu nome nas secções mundanas, era, no seu calendario, dia de magua, de tristeza, de resentimento. Para evitar essas contrariedades, vinha á Avenida tres vezes por semana, ia ao theatro todas as noites, não faltando, jamais, a um chá, a um baile, a uma festa de caridade.

Conduzindo assim o carro de ouro da sua vida, possuia, naturalmente, milhares de adoradores. E nada a encantava mais do que sentir, nas casas de chá ou nas festas, os olhares dos homens, bebendo, sequiosos, no poço inexgottavel da sua belleza. No Municipal, moradia o beicinho vermelho quando não havia dois ou tres binoculos no rumo da sua frisa. E na rua, era tarde perdida aquella em que não sentia, fonfonando atraz ou ao lado do seu «landaulet», o carro de luxo de um Guinle, de um Lage, de um Rocha Miranda.

Abandonando o auto em qualquer ponto da Avenida, sahia madame sosinha, ou com uma das amigas, pelo «trottoir», a pretexto de compras. De um lado e de outro choviam os cumpri-

mentos, que ella retribuia, generosa, com um sorriso. A' sua passagem, ficava uma esteira de olhares, como as esteiras de espuma deixadas pelos navios. Não havia homem de bom gosto, conhecido ou não, que, cruzando com ella, não se voltasse, para vel-a mais uma vez. Madame sentia a caricia da admiração geral, e continuava o seu caminho, soberba, divina, maravilhosa, como soberana que passasse entre os seus subditos.

Naquella tarde, doce, deixara a linda senhora o automovel no canto da rua Sete, e caminhava, sosinha, no rumo da galeria Cruzeiro, parando diante de cada vitrine. Olhou, detidamente, as joias da «La Royale», os sapatos da Barbosa Freitas e uns retratos femininos, quasi despidos, em um mostruario visinho á tabacaria Londres. Em seguida, passou ás vitrines da «Capital». Examinou a primeira, de perfumarias, olhando os rotulos de cada vidro; a segunda, de bolsas, collares, e outros attributos femininos. Na quarta ou quinta, parou. Dentro, entre camisas de sêda e cuêcas do mesmo tecido, um manequim masculino posava, impassivel, trajando terno de casemira clara. Olhos fixos, cabelo alourado e morto, physinomia congestionada, quasi rôxa, o boneco parecia olhal-a attentamente. Madame sorriu, benevolente, deixando-se ficar. E estava alli ha dez minutos, olhos nos olhos d'elle, quando lhe bateram cariciosamente no braço.

— Ah, és tu, Rosy? — exclamou, puxando para si a amiga que acabava de chegar.

— Que estavas fazendo aqui? Admirando o manequim?

Madame arregalou os olhos, voltando-se para a vitrine.

E desolada, como quem acaba de perder o seu tempo:

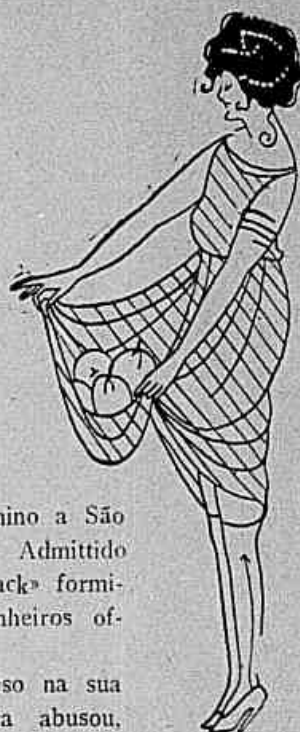
— E' verdade, filha! E' manequim!...

Carlos da Maia



PÊS... DE ANJO

JUNQUEIRA



Uberaba, a graciosa e prospera capital do Triângulo, é, das cidades mineiras, a mais interessante e pittoresca. A sua qualidade de grande feira de gado, a maior do Brasil, faz com que se a imagine uma enorme campina coberta de vacas, de bezerros, de novilhas. Essa idéa, é, entretanto, falsa: o opulento emporio pastoril é considerado, hoje, um adeantado centro de civilização, em que as iniciativas não são tolhidas, jamais, pela intransigência dos preconceitos.

Ao tomar conhecimento da vida, o pequeno Durval Junqueira encontrou a cidade, já, sob o dominio da família. Tudo, alli, era Junqueira: o juiz de Direito, o prefeito, os vereadores, o promotor, os deputados do districto, o delegado de Policia, o commandante do destacamento.

Quem é, aqui, o chefe politico? — indagava o passageiro, ao desembarcar do trem.

- O coronel Junqueira, — informavam.
- E o agente da estação?
- O capitão Junqueira.
- E o commerciante mais considerado?
- O major Junqueira.
- E o medico?
- O dr. Junqueira.

Atacado, uma vez, por um jornal da opposição, que descobriu nessa organização social a formação de uma grande oligarchia, o deputado Ribeiro Junqueira subiu á tribuna da Camara, e confessou:

— Senhores, se existe oligarchia em Uberaba, a culpa não é nossa: procuraes no municipio um cidadão que não seja Junqueira, e, se o descobirdes, nós lhe passaremos, immediatamente, as redeas do poder municipal! Que-reis, porventura, que importemos homens para a politica do municipio, como importamos o zebú, o caracú, e outras raças de gado?

Desfructando a ascendencia do numero, ou, antes, a unanimidade, os Junqueira de Uberaba resolveram, um dia, introduzir, alli, o «foot-ball». Reunida a familia, isto é, a população da cidade, foi formado o primeiro «team», que ficou assim constituído:

Lulú Junqueira — Zezico Junqueira — Beneco Junqueira — Nhônho Junqueira — Bilú Junqueira — Janjão Junqueira — Maneco Junqueira — Lelé Junqueira — Junqueirinha — Junqueirão.

O outro «team», que se devia bater com este, era formado com o mesmo escrupulo familiar: possuia Junqueiras de cima abaixo, e tudo gente escolhida, forte, vigorosa, e, sobretudo, rica, possuindo atraz do «goal», no minimo, cinco mil cabeças de gado. Quanto ao publico, isto é, á assistencia, afinava tudo pelo mesmo sangue, sem prejuizo do entusiasmo e das preferencias, apesar de tratar-se, como se tratava, de uma simples disputa em familia.

Foi ahi, no Junqueira F. Club, de Uberaba que o pequeno Durval experimentou, pela primeira vez, a força do seu pé. Sorteado na familia, na idade de quatorze annos, para tomar parte no 3.º «team», fez, logo, excellente figura, pela sua assombrosa agilidade. Promovido ao 1.º «team», continuou a espantar a familia: em duas horas de jogo, derrotou quatro irmãos, dois

primos, um tio, trez sobrinhos, fora diversos parentes affins, que acabaram carregando-o na arena e passeando-o, em braços, pelas ruas mais movimentadas da cidade.

Consagrado como jogador de primeira agua, foi resolvido que se mandasse o menino a São Paulo, para aperfeiçoar-se. Durval foi. Admittido no Paulistano, tornou-se, em breve, um «back» formidavel. Campeão, alli, em 1918, os companheiros offereceram-lhe uma festa.

E essa festa marcou um ponto curioso na sua vida. Alegre, jovial, brincalhão, Junqueira abusou, nesse dia, do chopp e da champagne. De repente, no meio do salão, empallideceu, fechou os olhos, engulhou. A dama com quem dançava segurou-o. Companheiros precipitaram-se em seu soccorro, amparando-o.

— Que é isso? Que é isso? — inqueriam.

E elle, muito branco, numa caretta:

— Não posso tomar... «gazoza»!...

Foi nessa mesma noite que o encontraram no jardim do club, tirando os sapatos e as meias, e desamarrando a ceroula, com a bocca fechada, num esforço inaudito.

— Para que isso, filho? — indagou um companheiro, vendo-lhe a afflicção.

E elle, tapando a bocca:

— Para... vomitar!

A sua atrapalhação era tamanha, que não se lembrava, sequer, que, para tal cousa, não era necessario tirar a botina, descalçar a meia e, muito menos, desamarrar a ceroula.

Transferido, por decreto da familia, para o Rio de Janeiro, entrou para o Flamengo, onde fez uma carreira brilhante. Modesto e simples, não tem consciencia do proprio valor. Quando entra em campo, está sempre com a convicção de que vae perder.

— Qual, não ganhamos, não! — diz, sempre.

Mesmo depois da victoria, que, ás vezes, é devida a elle proprio, ainda duvida, e pergunta aos companheiros:

— Ganhamos mesmo, heim? Ganhamos?

Fóra, nas archibancadas, as torcedoras ignoram o que vae por dentro d'elle, de temores, de duvidas, de receios. E gritam:

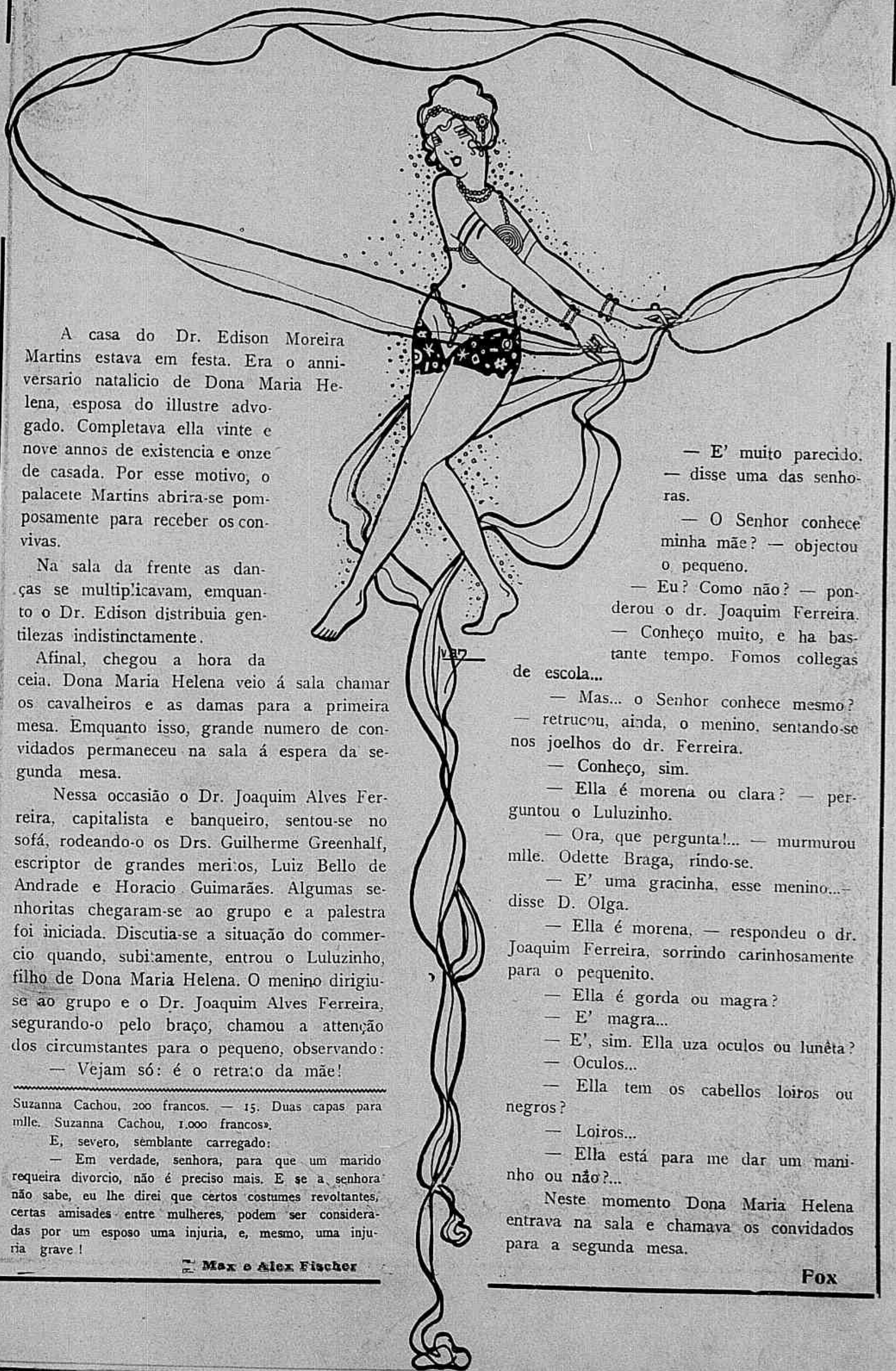
— Ahi, Junqueira! Força, Junqueira! Corre, Junqueira!

Junqueira faz força. Junqueira corre. Junqueira «shoota». O seu pensamento não está, porém, na bola, nem nas torcedoras: está longe, naquella recanto socegado do Passeio Publico, onde o vae esperar, trez vezes por semana, com a pasta debaixo do braço, aquella encantadora creaturinha que faz, actualmente, o curso do Instituto de Musica...

Pé... lpidas



O FILHO DE MME. MARTINS



A casa do Dr. Edison Moreira Martins estava em festa. Era o aniversário natalício de Dona Maria Helena, esposa do illustre advogado. Completava ella vinte e nove annos de existencia e onze de casada. Por esse motivo, o palacete Martins abria-se pomposamente para receber os convivas.

Na sala da frente as danças se multiplicavam, emquanto o Dr. Edison distribuia gentilezas indistinctamente.

Afinal, chegou a hora da ceia. Dona Maria Helena veio á sala chamar os cavalheiros e as damas para a primeira mesa. Enquanto isso, grande numero de convidados permaneceu na sala á espera da segunda mesa.

Nessa occasião o Dr. Joaquim Alves Ferreira, capitalista e banqueiro, sentou-se no sofá, rodeando-o os Drs. Guilherme Greenhalf, escriptor de grandes meritos, Luiz Bello de Andrade e Horacio Guimarães. Algumas senhoritas chegaram-se ao grupo e a palestra foi iniciada. Discutia-se a situação do commercio quando, subitamente, entrou o Luluzinho, filho de Dona Maria Helena. O menino dirigiu-se ao grupo e o Dr. Joaquim Alves Ferreira, segurando-o pelo braço, chamou a attenção dos circumstantes para o pequeno, observando:

— Vejam só: é o retrato da mãe!

Suzanna Cachou, 200 francos. — 15. Duas capas para mlle. Suzanna Cachou, 1.000 francos.

E, severo, semblante carregado:

— Em verdade, senhora, para que um marido requeira divorcio, não é preciso mais. E se a senhora não sabe, eu lhe direi que certos costumes revoltantes, certas amizades entre mulheres, podem ser consideradas por um esposo uma injuria, e, mesmo, uma injuria grave!

Max e Alex Fischer

— E' muito parecido.
— disse uma das senhoras.

— O Senhor conhece minha mãe? — objectou o pequeno.

— Eu? Como não? — ponderou o dr. Joaquim Ferreira.
— Conheço muito, e ha bastante tempo. Fomos collegas

de escola...

— Mas... o Senhor conhece mesmo?
— retrucou, ainda, o menino, sentando-se nos joelhos do dr. Ferreira.

— Conheço, sim.

— Ella é morena ou clara? — perguntou o Luluzinho.

— Ora, que pergunta!... — murmurou mlle. Odette Braga, rindo-se.

— E' uma gracinha, esse menino... — disse D. Olga.

— Ella é morena, — respondeu o dr. Joaquim Ferreira, sorrindo carinhosamente para o pequenito.

— Ella é gorda ou magra?

— E' magra...

— E', sim. Ella uza oculos ou luneta?

— Oculos...

— Ella tem os cabellos loiros ou negros?

— Loiros...

— Ella está para me dar um maninho ou não?...

Neste momento Dona Maria Helena entrava na sala e chamava os convidados para a segunda mesa.

Fox

Os mestres do humorismo

INJURIA GRAVE

Ha mais de vinte e cinco annos que M^{te}. Genoveva Marin se havia tornado em

M^{me}. Osselet, e, durante esse tempo, não havia sentido o menor curiosidade de mexer nos papeis do marido. Ha alguns mezes, porém, procurava ella um envelope, quando, abrindo a gaveta da secretaria do esposo, teve a attenção voltada para um livro de notas, coberto de algarismos. Abriu na primeira pagina, e leu:

Julho

- 1 — Entregue a Suzanna Cachou, do theatro Folies - Parisiennes, 500 francos
- 11 — Para a manicura de Suzanna Cachou 80 francos

- 18 — Uma capa de seda para Suzanna Cachou 200 francos

Agosto

- 1 — Entregue a Suzanna Cachou 500 francos
- 8 — Um chapéo para Suzanna Cachou 100 francos
- 17 — Um collar para «Kiki», a cadellinha de Suzanna Cachou 10 francos

Paginas depois:

Setembro

- 1 — Entregue a Suzanna Cachou 500 francos
- 9 — Uma sombrinha para Suzanna Cachou 90 francos
- 21 — Pó de arroz para Suzanna Cachou 230 francos

Não sendo jovem, nem bonita, m^{me}. Osselet comprehendeu que não devia confiar nos seus encantos para triumphar sobre a rival. Entregou-se, por isso, a profunda meditação, procurando um meio de reaver, para si exclusivamente, o seu Pedro, tão forte ainda apesar dos seus sessenta annos.

Ao fim de algum tempo, tomou uma deliberação. Cobriu o rosto com um véo espesso, e, dirigindo-se ao domicilio da linda mundana das Folies Parisiennes, expoz o seu proposito.

— Perdõe, mademoiselle, — disse — que lhe não revele meu nome. Não procure, mesmo, por piedade, descobrir quem sou. E agora, ouça o que me traz aqui.

— Vejamos, senhora, de que se trata, — exclamou a actriz, pondo-a á vontade.

— Estou informada (e não

me pergunte como foi isso) de que no mez de julho ultimo um senhor de nome Pedro Osselet gastou com a sua pessoa entre a mesada, gastos diversos, manicura, capa de seda, etc., a quantia exacta de 932 francos e 40 centimos. Em agosto, entre a mesada, um chapéo, um collar para «Kiki», etc., 987 francos e 70 centimos. E em setembro, com a mesada, sombrinha, pó de arroz, etc., a quantia de 982 francos e 10 centimos.

E sem mais preambulos, concluiu:

— Pois, bem, mademoiselle; aqui está a proposta que lhe venho fazer: Se eu lhe dár, todos os mezes, o duplo do que lhe dá mensalmente o sr. Osselet, isto é, dois mil francos, compromette-se a senhora a romper com elle?

Pratica e interesseira, m^{lle}. Cachou accitou a proposta de m^{me}. Osselet. E vivia a bôa senhora inteiramente tranquillizada, certa de que o seu marido lhe pertenceria até o fim dos seus dias, quando, uma tarde, recebeu uma citação judicial, que assim terminava:

«... pelo que, citamos a senhora Genoveva Osselet, esposa de Pedro Julio Osselet, para que compareça na proxima terça-feira, ante o senhor juiz Raul Richard, no Palacio da Justiça, para formular as reclamações que julgar convenientes sobre o pedido de divorcio apresentado pelo seu marido, o supra-citado Pedro Julio Osselet...»

Pedro! O seu Pedro pedia divorcio?

Atorreada, Dona Genoveva precipitou-se para o escriptorio do marido, e, durante duas horas, pediu-lhe, gemeu, supplicou que elle lhe explicasse o motivo d'aquella determinação. Com um gesto de soberano despreso, elle se recusou, em absoluto, a falar. Opportunamente, ella o saberia.

No dia aprasado, presentes as partes interessadas, o juiz Richard inqueriu, dirigindo-se ao requerente:

— Persiste o senhor Pedro Julio Osselet na sua decisão de separar-se de sua esposa?

Grave, sereno, cara fechada, Osselet respondeu affirmativamente.

— Mas, senhor Juiz, — gemeu Dona Genoveva, torcendo as mãos, — é impossivel que um marido se possa separar assim da sua mulher, sem um motivo justo. Para requerer o divorcio é preciso, creio, um sério motivo... «Injurias graves... incompatibilidade de caracter...». E não ha, creio eu, nada disto!

Impassivel, o juiz Raul Richard tomou um livro de notas, cheio de algarismos, que estava em cima da mesa, e indagou, physionomia fechada:

— Negará, por acaso, que este caderno encontrado por seu marido entre os seus papeis é inteiramente escripto pela senhora?

— Neste livro — continuou o juiz — está escripto: «Outubro, 5 — Entregue a m^{lle}. Suzanna Cachou, das Folies Parisiennes, 1020 francos. — 8. Dois chapéos para m^{lle}.



POR TRAZ DOS PANNOS

JOÃO BARBOZA



Como toda a cidade que se pré-sa, Santa Maria da Bocca do Monte, no interior do Rio Grande do Sul, possuía já, ha trinta annos, o seu theatro. Duas vezes por anno apparecia por lá uma companhia itinerante, fulminando a população com espectaculos em cinco actos. Então havia um movimento desusado. Como o theatro não possuísse cadeiras proprias, era de ver pelas ruas os molecotes carregando mobílias inteiras, que eram retiradas logo depois da representação, para desespero das senhoras, cujos chapéus iam pelos ares

na confusão d'aquella disparada tumultuosa.

Certa vez, porém, devido á crise, não appareceu nenhuma companhia. O commercio agonisava. Não se vendia um metro de velludo, um vidro de oriz, uma volta de coral. E foi quando um commerciante lembrou, numa palestra com o visinho:

— Mas, por que não organisamos nós, aqui mesmo, uma companhia? Temos tantos rapazes com vocação para o theatro...

— Um theatro de amadores?

— Sim, filho. Quem não tem cachorro caça com gato.

A lembrança passou de bocca em bocca entrando no terreno das possibilidades. O gato a que alludiam os interessados, era uma sociedadesinha recreativa, na qual se realisava, todos os annos, um espectáculo, no dia commemorativo da fundação. E como era um dos seus elementos principaes o empregado do commercio de nome João Barbosa, foi a elle que se dirigiram os interessados, para organização da Companhia Nacional de Dramas e Tragedias do Theatro de Santa Maria da Bocca do Monte.

A estréa da nova instituição theatral foi um successo. Convinde que tudo alli fosse regional, foi encommendada ao estudante de Direito, então em ferias, Carlos Maximiliano Pereira Gomes, uma peça de folego, que arrebatasse a platéa. Carlos Maximiliano escreveu. Intitulava-se «A Vingança do Sultão», tragedia em cinco actos, verdadeiramente formidavel. As scenas passavam-se em Constantinopla, onde o sultão assiste a um espectáculo, no correr do qual o artista, apossando-se do seu papel, e tomado de entusiasmo, apunhala, de verdade, o seu companheiro. Furioso com o incidente, o sultão corre ao palco, e mata o assassino. A assistencia commove-se. Abalado, revoltado contra o soberano, o povo, que enche o theatro, lyncha o sultão. O Exercito, que estava aquartelado, tem noticia do caso, cerca o theatro, e extermina o povo. A Marinha não concorda, entretanto, com a chacina: assésa os canhões no rumo das concentrações militares, e liquida o Exercito. Obtido isso, a esquadra faz-se ao largo: ao chegar, porém, no alto mar, desaba uma tempestade, na furia da qual desaparecem todos os navios, engolidos pela tormenta...

Habitados ás xarqueadas, os habitantes de Santa Ma-

ria da Bocca do Monte acharam a tragedia pouco violenta. O insuccesso da peça foi devido, no entanto, á representação. No primeiro acto, o sultão devia ter morrido. No segundo, porém, appareceu de novo em scena, na pessoa de João Barbosa.

— O Sultão já não morreu? — perguntou alguém da platéa.

— Morreu, sim, senhor! — respondeu o artista, do palco.

— E como está ahí outra vez?

João Barbosa ficou plethorico, vermelho, congestionado. Olhou para um lado, olhou para outro, e estourou:

— Não é da sua conta, ouviu? A Companhia é minha e eu faço o que bem entender!

No dia seguinte a Companhia dissolvía-se. Os elementos que a compunham, fugiram, ou suicidaram-se, afogando-se no Vacacahy-mirim. Um só artista ficou: João Barbosa, que, na certeza do seu valor, seguiu um mez depois para Rio Pardo, e, mais tarde, para Porto-Alegre, em busca de horisontes que servissem de moldura á sua futura personalidade.

A prospera cidade rio grandense não foi inclemente com o artista. Apresentado a Dias Braga, então de passagem por lá, foi João Barbosa admittido na companhia desse grande homem de theatro, com dois papeis principaes: entregar uma carta, em scena, a uma das personagens, e atravessar o palco, duas vezes, como vendedor de amendoim.

No Rio de Janeiro, para onde veio com a Companhia, não foi a sorte avessa, de todo, a João Barbosa. Certa noite, dormindo na caixa do Carlos Gomes, teve elle um sonho. Sonhou que estava sendo perseguido por uma das artistas mais formosas do tempo. Sinceramente impressionado, correu a uma casa de loterias da rua do Ouvidor, e, como fosse na epoca do jogo livre, pediu:

— Cinco mil reis no cachorro!

A tarde, estava com dois contos no bolso. E isso o impressionou tanto, que nunca mais deixou de aventurar os seus dez totões no palpite dos outros, e de procurar, por meio de calculos, o processo mathematico de acertar diariamente na centena.

Fundado em 1919 o theatro official da Prefeitura, tomou parte nelle, com indiscutido relevo, ao lado de Lucilia Peres e Maria Falcão. Dissolvida essa instituição de vida precaria associou-se a Italia Fausta. E é ao lado d'esta que anda por esse mundo de Deus, com a devida licença da sra. Adelaide Coutinho, a quem está unido pelos laços matrimoniaes.

João Barbosa é um forte e nobre artista. Estudioso e intelligente, tem obtido bellos triumphos, notando-se, entre elles, o



POR TRAZ DOS PANNOS



JOÃO BARBOSA

O MARIDO

Os contos do "Almirante"

— O senhor, ha de arrepender-se, almirante; o senhor ha de arrepender-se de não aceitar, como lhe cumpre, os meus conselhos de amiga. Não se envolva nunca, eu já disse, em questões de marido e mulher. E, sobretudo, não previna, jamais, um esposo enganado.

Era assim que me falava, annos atraz, a minha saudosa prima, a veneranda baroneza de São Bonifacio, brincando com o cabo de madreperola e ouro da sua «lorgnette» de custo.

Eu fui, porém, sempre, um homem de principios. Mulher deshonestas ou, mesmo, coquette, nunca teve logar na minha amizade, na minha estima, na minha admiração. Não admitti, jamais, as trahições conjugaes, mesmo em represalia. E de tal maneira que me consideravam, quando moço, o cavalleiro andante da fidelidade matrimonial.

E' por isso, talvez, que me tem doido tanto aquella «gaffe» em que incorri, e que me fez lembrar, com saudade, as palavras d'aquella bondosa amiga, cuja figura constitue uma das melhores reminiscencias do meu coração.

Foi ha duas semanas, em um pic-nic no Sacco de São Francisco, em Nictheroy. Annunciado o embarque para as sete e meia, ás sete era grande, já, o numero de convidados, na ponte das Barcas. De vez em quando parava um automovel repleto de moças, de rapazes, conduzindo embrulhos, cestos, garrafas. E a alegria esfusiava, multiplicada em sorrisos, em frases de espirito, em olhares maliciosos, quando a minha attenção se voltou para um grupo elegante, que se encolhia, afastado de todos, a um recanto do salão de espera.

Constituiam-n'o um cavalleiro de azul marinho, chapéo da palha e bigode raspado, uma senhora de costume cinzento e olhos verdes, e outro cavalleiro de paletot marron e calça de cazemira clara, que, pelas maneiras, pela solicitude, pela intimidade, me pareceu, logo, o marido da moça.

Esta era, em verdade, encantadora, merecendo todas aquellas gentilezas do companheiro. Morena, esbelta, cabellos negros, bocca vermelha e dentes maravilhosos, lembrava esses typos biblicos perpetuados pelos pintores do ultimo seculo, que os foram arrancar, de cantaro ao hombro, ás paginas misteriosas dos grandes livros sagrados. Coroava-lhe a formosura joven um grande chapéo de seda vermelha, pintalgado, em torno, de florinhas multicores.

Na barca, em viagem, o

moço de case-mira clara não abandonou a linda rapariga. Pelas maneiras, estavam casados de novo, ou, então, viviam, marido e mulher, num noivado perpetuo. Ao tomarem logar nos bancos, ficaram juntos, lado a lado, sentando-se o outro, o amigo, o de azul marinho, no banco fronteiro. De repente, o paletot marron convidou o costume cinzento :

— Vamos lá para cima ?

E os dois, para o terno azul marinho :

— Vamos vêr a bahia, lá de cima, Luiz ?

— Não ; estou bem aqui. Vão Vocês.. — aconselhou o cavalleiro, a quem o casal tratava com tanta consideração

A barca não ia cheia. A manhã, fria, cortada pela viração do mar, tornava desagradavel a permanencia em cima, no convez. Encantava-me, porém, o apegamento d'aquelle casal de pombos, d'aquelle par tão amigo, e de tal modo que, fazendo-me de indifferente, eu subi, depois d'elles. E mal cheguei em cima, recuei, nas pontas dos pés: estavam, os dois, tão unidos, a bocca na bocca, num beijo tão intenso e profundo, que eu achei do meu dever voltar, sorrindo, ao meu logar, para não perturbar tamanha felicidade.

Em baixo, o homem de azul marinho fumava, displicente. Approximei-me d'elle, pedindo-lhe fogo para o meu charuto, com o proposito, porém, de entabolar conversação.

— Bello dia ; não ? — exclamei, para experimental-o.

— Explendido ! — confirmou elle.

Eu insisti :

— Principalmente para noivar, quando se tem uma mulher jovem, bonita, encantadora. Aquella senhora que aqui estava, por exemplo, parece querer muito o marido..

— E'.. — confirmou, laconico, o homem de azul marinho.

E após uma fumaça do charuto:

— Ella me quer muito bem ; somos muito amigos.

— O senhor é, então.. — aventurei, olhos arregalados, sem concluir a frase.

E elle, como se respondesse a uma pergunta, que eu, absolutamente, não fizera :

— Sim senhor. Por que se espanta ?

E olhando-me, insultado :

— O marido.. sou eu !

Almirante Justino Ribas



Galho DE URTIGA

A côr do cachorro

A esposa daquelle jovem diplomata é de uma simplicidade encantadora. Diz-se, mesmo, que foi por isso que o marido, homem prudente, veio deixá-la ao Brasil.

Ha dias, em nma reunião elegante, alludia-se a uma exposição de caninos havida em certa capital europeá, quando o diplomata contou:

— Era um animal bellissimo: era um cão de origem africana, todo branco, e malhado de preto.

— Não, Fulano, — atalhou madame, intervindo.

— Não era um cachorro africano?

E explicando:

— Então, era preto, malhado de branco!

A filha de Hamlet

O illustre senador por um pequeno Estado nortista desfructa numerosas admirações nos circuitos femininos. Espirito brilhante, cultura variada, palestra pittoresca, a sua companhia é sempre agradável ás senhoras.

Uma destas tardes, em uma casa de chá, uma das suas admiradoras queria a sua presença.

— Vá buscar Fulano para a nossa mesa, — disse, dirigindo-se a um primo.

— Eu? Mas eu não me dou com elle!

— protestou o rapaz — Se você quer, eu vou convidar o senador Eloy de Souza, com quem tenho relações.

— Não! não! — protestou madame, agradecendo. E terminante:

— «Tobias» or no «Tobias»!

Uma lembrança

Ha dias, na Camara, discursava um conhecido parlamentar, que pedia agua e mais agua. Ao sentir-se com a garganta secca, fazia um signal ao continuo. Este trazia o copo, o homensinho lubrificava a guela, readquiria a energia anterior, e continuava o discurso.

— Sahe uma idéa que eu tive agora? — observou o deputado Heitor de Souza ao professor Azevedo Sodré. — Vou apresentar uma emenda ao Regimento, prohibindo o uso de agua na tribuna.

E esclareceu:

— E' o melhor meio de limitar os discursos.

O deputado só poderá falar enquanto tiver saliva.

E engoliu em secco.

Medo... de si mesma

O conhecido medico e mundano temia que a esposa, linda e illustre senhora, percebesse, á noite, a hora do seu regresso. Na opinião delle, seria um barulho que não terminaria mais.

Um destes dias, porém, surpreendeu-a elle azeitando a fechadura do quarto do casal.

— Para que é isso? — indagou, de orelha em pé.

E madame, com a maior naturalidade:

— E' para que eu não accôrde, quando tu voltares.

E cerrando os dentes:

— Porque... eu te matava!...

Duello

No baile com que o pae d'ella solemnizou o seu 18.^o anniversario, mademoiselle offereceu ao conhecido «goal keeper» uma bala de hortelã. Elle arranjou outra, e offereceu-lhe, ficando tudo, porém, nesse terreno.

No dia seguinte, uma das amigas falava lhe, pelo telephone, desse namôro.

— Qual, menina, — informou a anniversariante; — não passamos d'alli.

E rindo:

— Trocamos apenas duas «balas», sem resultado...

SERENATA

(Trad. livre de X. X.)

Estava quasi a amanhecer,
Disseste: "Vem!" E fui te ver.

A tarde, estavam os ás sós,
Disseste: "Canta!" Ergui a voz.

Mas, veio a noite, ao pé de ti.
Disseste: "Parte!" E eu... não parti!
Catulle Mendès

de esposo de Italia Fausta, na «Ré Mysteriosa». Quando pisa no palco, o palco estremece: João tem, antes das refeições, cento e seis kilos!

Artista de merecimentos incontestaveis, e cavalheiro finissimo, o querido actor é, ainda, professor da Escola Dramatica Municipal, onde o grande Coelho Netto lhe deu a cadeira da Arte de Representar. Professor excellente, João chega, reúne os alumnos, e indaga:

— Que «bicho» dá hoje?

Os rapazes e senhoritas offerecem o seu palpite. João Barbosa toma nota, e, no fim do mez, conta a média pelas vezes que cada um acertou.

E assim vae João Barbosa envelhecendo e engordando, com uma certeza, pelo menos, que ninguem lhe tirará: a de que é elle, no Brasil, um artista de peso.

João Kaetano



te para mim... Vivo por ti... por teu amor... a sonhar o dia que te resolveses a ser somente minha... Minha... sem partilha...

LAURA — Ah!... Se eu pudesse... Se o Victorino fizesse uma viagem... bem longa... Se elle fosse á Europa sosinho...

MOYSES — Eu não desejo a morte de ninguem... Deus me livre!... Mas a verdade é que teu marido é um embaraço bem irritante para a minha felicidade...

LAURA — Não te satisfazes então com uma viagem delle a Europa...

MOYSES — Podia ser mais longa... De uma vez... sem bilhete de volta... Não digo que desapareça do mundo... mas que se resolva a ficar de uma vez em Paris, no Egypto... na China...

LAURA — Fallas sério? E se isso acontecesse?...

MOYSES — No dia em que isso acontecesse... seríamos as creaturas mais felizes do mundo...

LAURA — Viveríamos ao lado um do outro...

MOYSES — Eu viveria a teus pés... Adorando-te...

LAURA — Só?...

MOYSES — Que podes desejar mais?...

LAURA — Ora... tanta cousa... (rindo) Poderíamos por exemplo... sahir... ir ao Pão de Assucar... aos theatros...

MOYSES — Está claro que eu faria tudo quanto quizesse... Todas as tuas fantasias...

LAURA — Fallas com sinceridade?... Jura...

MOYSES — Juro pelo nosso amor...

LAURA — (beijando-o) Meu querido!... Como eu te amo!... Serás sempre meu?... Nunca mais olharás para outra mulher?...

MOYSES — Tu serás a minha vida!...

LAURA — E se meu marido voltar...

MOYSES — Mas tu não disseste que ouvirias o barulho de automovel e eu teria tempo de sahir pelo portão dos fundos?...

LAURA — Isso seria aqui... Mas eu me refiro no teu chateau...

MOYSES — Ah!... Fallas do nosso ninho? Ah! o caso é outro... Eu te defenderia contra tudo e contra todos...

LAURA — Mas não irias matar-o...

MOYSES — Para que?... Seria uma loucura... Para ser preso... processado... ser afastado de ti... Isso nunca... Se elle voltasse... se elle apparecesse eu diria apenas — «Saia... senhor!... Não lhe reconheço o direito de perturbar a minha felicidade... Esta casa é minha... e esta mulher me pertence...»

SCENA II

Moysés, Laura e Victorino

VICTORINO

— Vamos por partes... Nem será preciso um ar de tragedia... Por Deus! Olhe que o Snr. está com um ar trágico... A sua pallidez e o seu olhar...

MOYSES — Não entendendo...

VICTORINO — Podemos dividir isso amigavelmente... Acalme-se... Faça-me o obsequio de sentar... A casa ainda não é sua... mas faça de conta... Talvez... possa ser... Depende do que se combinar... Farei uma avaliação por baixo... Um

pormenor tão insignificante... Será mesmo o aspecto rasteiro da nossa conversa...

LAURA — (reanimando-se diante da calma de Victorino) Pretende também negociar-me?

VICTORINO —



Oh!... Não lhe roubarei essa prerrogativa... da sua fantasia... Desejo apenas regularisar a minha situação nesta casa que ainda é minha... Quanto á mulher... a que me interessa não está em jogo...

LAURA — Eu sei... Não é preciso que me humilhes pro-

nunciando o nome della...

VICTORINO — Seria falta de poesia installar a amante nos proprios moveis em que a mulher nos trahia... Prefiro sahir... mesmo por que a outra casa me agrada mais... Gosto mais da moradia na praia... (para Moysés — bruscamente) Quer ficar aqui?...

MOYSES — Eu?!... Como?!... Ficar aqui?!... Não senhor!... Por mim... Já estaria muito longe...

VICTORINO — Não acha confortavel a casa?... A installação foi feita com muito capricho... Ha até mesmo uma ponta de arte... O Snr. não é artista?...

MOYSES — Não senhor... Sou representante de uma firma allemã... de conservas syntheticas...

VICTORINO — Não faz mal... Aceito o pagamento em «marcos...» Terei de jogar na alta... Não importa...

MOYSES — Seria melhor acabarmos com essa situação desagradavel... Com licença... Eu me retiro...

VICTORINO — Então não quer ficar com a casa?

MOYSES — Não... senhor... Com licença... (apanha o chapéo — e vae sahir)

VICTORINO — Como?! Póde levar o que lhe pertence... Eu somente quero o que é meu... Leve a mulher...

MOYSES — A mulher é sua...

LAURA — (encaminhando para o lado de Moysés) Pois bem... Sou tua... Leva-me para tua companhia... Irei viver contigo... na tua casa... na nossa casa...

VICTORINO — Está ahí uma bella idéa...

MOYSES — E' uma loucura... Um escandalo... Que dirão todos...

LAURA — Que me importa o mundo... a vizinhança...

MOYSES — Mas é que o meu quarto é de sol-



Theatro Boccacio

E a vida
não continuou . . .

Comédia em 1 acto de Jan Riehora



Laura 36 anos — Victori-
no, 42 anos — Moysés —
25 anos.

ACTO UNICO

Em casa de Victorino —
Sala moderna — Divan, ta-
petes, almofadas, cortinas, abat-
jours e jarrões e flores.

SCENA 1.^a

Laura e Moysés.

(no divan — com as mãos
enlaçadas)

LAURA — Como sou fe-
liz... Ha quanto tem-
po...

MOYSES — Parece
um sonho... Veja como
tenho sido constante...

Ainda me lembro
do dia em que nos
conhecemos... Cinco
anos passados...

LAURA — Lem-
bro-me bem... como se fosse hon-
tem...

MOYSES — Entretanto cus-
taram a passar...

LAURA — Melhor assim... Se-
rão os desejos amadurecidos... Naquelle tem-
po estariam talvez verdes de mais... Eras
tão creança...

MOYSES — Tinha 19 annos...

LAURA — Não mostravas... Parecias ter 16...
Inspiravas paixão... mas não inspiravas confiança... Alem
disso nesse tempo o Victorino me fiscalisava muito...
Não tinha confiança em mim...

MOYSES — Desaforo...

LAURA — Agora felizmente já conquistei um pouco
de liberdade... Principalmente depois que elle começou a fre-
quentar o Club de Xadrez...

MOYSES — Elle vae todas as noites?...

LAURA — Quando ha «match» importante... Agora
por exemplo... estão decidindo um campeonato...

MOYSES — (levantando-se) Volta sempre tarde?...

LAURA — Depois de 1 hora... ultimamente depois
que se apaixonou...

MOYSES — Pelo campeonato?

LAURA — Não... pela Nini... uma contramestre da
Maison Fleurie... tem ficado até ás 3... Já dormio uma vez
fóra de casa... allegando que tinha torcido um pé... no
Club e que ia ficar lá mesmo...

MOYSES — Já é abusar...

LAURA — Ah!... mas eu lhe
dou uma lição... terá depois... de
torcer a orelha...

MOYSES — Bem merecido... Mas
fallemos de nós... O tempo passa...

LAURA — Hoje palpitou-me que
elle terá de torcer outra coisa qual-
quer... Estou adivinhando que elle já

sabio de casa com o plano de dormir fóra...

MOYSES — Ah!... Desconfiou de qualquer cousa?...

LAURA — Cá por umas observações que tenho
feito...

MOYSES — Se elle vae demorar-se... tanto me-
hor... teremos mais tempo... Poderemos estar juntos até
mais tarde...

LAURA — Dei sahida á creada... A porta está bem
fechada... e quando elle chegar... se for de surpresa... sa-
hirás pelo portão dos fundos... Dá tempo... Elle vem sempre
de taxi e eu sinto o barulho...

MOYSES (sentando novamente). E' uma tranquill-
dade...

LAURA — Poderemos combinar tranquillamente a nos-
sa vida... o nosso futuro...

MOYSES — Por enquanto seria melhor que trata-
semos do presente...

LAURA — Ainda moras naquella pensão no Leme...

MOYSES — Mas... Estou numa villa na rua S.
Clemente... Resolvi morar sosinho... Não é alegre a vida,
mas a gente tem outra liberdade...

LAURA — Deve ser um ideal...

MOYSES — O meu «chateau» é um brinco...

LAURA — Imagino...

MOYSES — E' um ninho... Dois quartos... Para
dormir e vestir... Duas salas... banheiro...

LAURA — Mobilaste com arte... Tinha curiosidade de ver...

MOYSES — Um dia destes... Não é tão chic como
a tua casa... La isso não é... Mas tem um pouco de bom
gosto... uma elegancia discreta... Nada de rocóco...
nem de Luiz XV... Estylo americano... Vou pôr
um telephone...

LAURA —

Occulto por
uma bonequinha
de saia balão...
Vou mandar-te
umas almofa-

das...

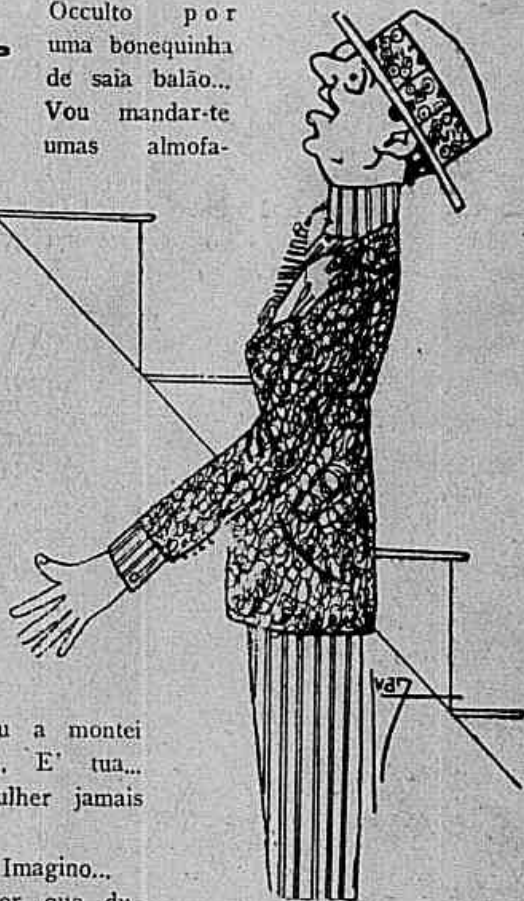
MOYSES —
Somente está
faltando a dona
da casa...

LAURA —
Amanhã esta-
rás casado...
quando me es-
queceres...

MOYSES —
Aquella casinha eu a montei
em tua intenção... E' tua...
nenhuma outra mulher jamais
entrará ali...

LAURA — Imagino...

MOYSES — Por que du-
vidas da minha sinceridade?... E's a unica mulher que exis-



INTERROGANDO...

Como deve proceder o esposo que percebe estar a sua companheira querida prestes a trahir-lhe o ffecto, seduzida pelo exterior doirado, mas enganoso, de illusões ephemeras?

Deverá ceder ao resentimento do amor proprio ferido e admoestal-a com invectivas que magoem? Sem duvida que não!

Deverá abandonal-a, por esse indicio de fraqueza, aos riscos da sua inexperiencia? Seria impensado!

Deverá deixar-se subjugar pela colera em assomos de violencia, tornando talvez irreparavel o que ainda teria remedio? Nunca!

Então, que fazer?!

E' muito simples: ... deixar falar a razão docemente, suavemente... como tereis oportunidade de ver num delicado exemplo, de finissima psychologia, na super-produção "CADEIA DE PRATA", que será exhibida



Quarta-feira, 9 de Agosto

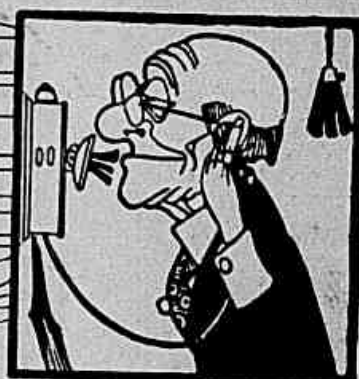
No CINEMA RIALTO

Na sua série dos grandes films

Maís forte que o Amor? O que póde ser?



"POTINS"



O ultimo «flirt»

Foi outro dia, no Flamengo. Empolado, agitado, o mar sacodia ondas sobre ondas, atemorizando os banhistas. Apenas um ou outro mais corajoso, mais atrevido, enfrentava a agua revolucionada, ganhando, a grandes braçadas, alguns pontos mais distantes da praia.

Rostinho carminado, boquilha vermelha, mademoiselle passeiava no seco, numa exhibição graciosa do seu corpo jovem,

modelado brejeiramente pela roupa de banho, quando resolveu imitar os nadadores de grande fôlego, atirando-se ás ondas.

Em dois segundos estava a trinta metros da margem. E quando procurou voltar, não pôde: a agua puxava para o meio, inquieta, gulosa, pulando-lhe em torno como um turbilhão de gatos famintos.

teiro... E lá na pensão o unico quarto de casal que está vazio, a dona da casa pede um dinheiro surdo por causa de exposição... O melhor será mesmo continuarmos assim...

LAURA — Então o teu chateau na avenida da rua S. Clemente!... Estavas mentindo?... Tu me enganavas?!... E' indigno o seu procedimento... senhor!... Retire-se... O Snr... é um indecente...

MOYSÉS — Não é preciso insultar-me, eu me retiro...

VICTORINO — (para Laura) Vá!... Acompanhe o homem...

LAURA — Não vê que eu não posso acompanhar esse typo mentiroso... Prefiro ficar aqui...

VICTORINO — Como?... Aqui?!... Depois de tudo isso?... Não me sujeito a esse papel de marido enganado... Quer rir á minha custa?...

LAURA — Lá por isso eu tambem serei uma mulher enganada...

VICTORINO — Pelo amante...

LAURA — Ah!... Queres apurar a historia de amantes?... E a Nini?... Eu... estava quasi cahindo... E tu?... Ha quanto tempo já cahiste?...

VICTORINO — (para Moysés) Que faz ainda ahi?... Retire-se...

MOYSÉS — Pois sim... eu me retiro... Ao menos levo a consciencia tranquilla... Não houve mortes... Continúa tudo no mesmo... Graças a Deus!...

VICTORINO — Lá isso é que não... Isso não continuará assim... A vida agora será outra... (para Laura) Não consinto mais que ponhas dentro de casa esse trocatis... que não tem onde cahir morto... Que ao menos tenha casa propria ou um emprego vitalicio. — Com direito a montepio... (para Moysés) Suma-se... seu pelin-trêca!... Escafeda-se antes que eu o esmague...

Jan Kichora

— Soccorro! Soccorro! — gritou, debatendo-se, bebendo agua. — Soccorro!

De pé, na praia, o moco advogado olhava aquelle scena, sorrindo.

— Acudam-me! Soccorro! — continuava a moça, gritando.

E o braço extendido no rumo do bacharel:

— Pelo amor de Deus, doutor, offereça-me a sua mão!

— Eu? — protestou o rapaz, de terra. — Não vê!

E suppondo que a desventurada o estava pedindo em casamento, poz as mãos em concha, e gritou-lhe, para o meio d'agua:

— Eu sou casado; sabe?

A mocinha afundou.

Experiencia

Naquella festa de anniversario do grande club sportivo, o conhecido jogador do 1.^o «team» afastou-se discretamente com o seu par, conduzindo a linda torcedora a um vão de janella. De repente, um dos directores chegou a outra janella, e viu-os: estavam com a bocca na bocca, num daquelles beijos enormes, profundos, em que se dá a alma, o espirito, o coração.

— Estão alli, estão noivos! — observou a dama que acompanhava o director.

E este, experiente:

— Aposto que não. As ligações definitivas não começam, nunca, pela bocca...

E afastaram-se, discretos.

A cantora

Em uma das ultimas festas chics de uma grande sociedade sportiva, destacava-se, pela beleza, pela graça, e pelas joias, aquella senhora loura, de origem italiana, chegado a pouco de Paris pelo braço de um dos nossos mais estimados ca vitalistas. Em certo momento, este apresentava-a a um amigo:

— Minha esposa...

O amigo encarou a moça, espantado.

— Parece que já a conheço.

E numa «gaffe» desesperadora:

— A senhora não cantava num café-concerto em Milão?

Berlitz



EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopo, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Preceitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2a edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumerables gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2a edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nervos, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônho Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um rabula criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2a edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patircha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feiticeiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mauseto Bernardi, brochado	3.000
Os Alidos, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O El ginte Doutorzinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1a parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2a ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Valle de Joseph-t, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2a edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfiar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, preafcio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 38

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre 13\$000
Numero avulso 8'00

Capital:

Numero avulso 8500
" " atrazado 8600

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina 200\$000 1/8 pagina 35\$000
1/2 " 110\$000 Capa a duas côres 450\$ 00
1/4 " 60\$000 " " trez " 600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

M Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens
MATIGON

Pharmacias **ORIENTAL** e **WERNECK**

Loteria do Rio Grande

Pagamento immediato e integral

Ordem das Extrações em Julho 1922

Data da extração	Premio maior	Valor do bilhete	Valor da fracção	Bilhetes que jogam
7 de agosto	100.000\$000	30\$000	3\$000	18.000
11 " "	20.000\$000	60\$000	6\$000	15.000
18 " "	100.000\$000	30\$000	3\$000	18.000
25 " "	100.000\$000	30\$000	3\$000	17.000
31 " "	200.000\$000	60\$000	6\$000	15.000

A VOSSA SORTE ESTÁ NO

CAMPEÃO DO SUL

AGENCIA GERAL DE LOTERIAS

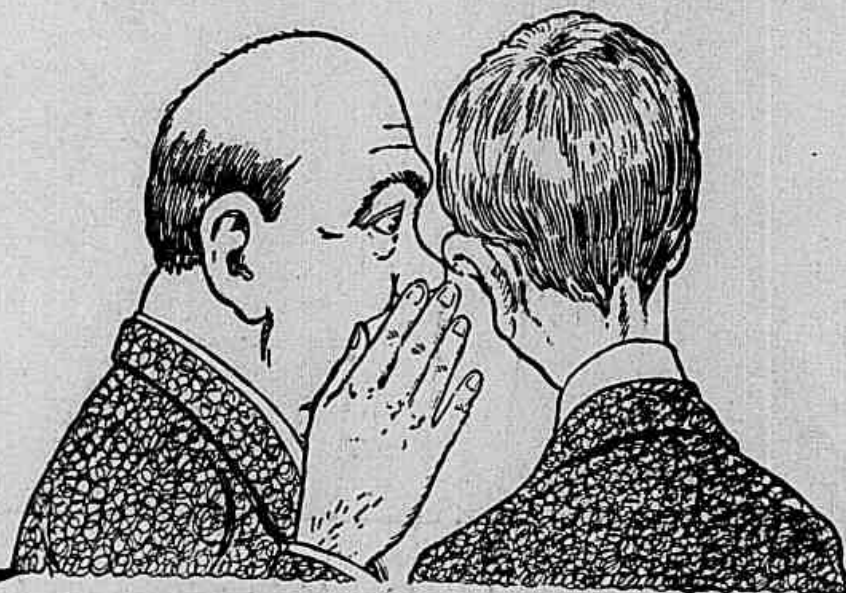
Raul C. Beirão & C.

6, RUA RODRIGO SILVA, 6

Caixa Postal 2164-Tel.: C. 2326

End. Telegr. **CAMPEÃO**

RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 — RIO